

Rastreado a dança que se faz (n)o salto alto: uma entrevista sobre Heels com Pedro Reis¹

MATHEUS DOS ANJOS MARGUERITTE

Matheus dos Anjos Margueritte é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculado à linha de pesquisa LICORES - Linguagem, Corpo e Estética na Educação, bolsista do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX/CAPES). Bacharel e licenciado em Dança pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar) - campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). É membro do Grupo de Pesquisa Labelit - Laboratório de Estudos em Educação, Linguagem e Teatralidades (UFPR/CNPq) - vinculado à linha de Pesquisa: Corpo, Comunicação e Tecnologias da Educação. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Dança, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, danças no salto alto, performatividade, danças de matriz urbana, educação não-formal em dança e inclusão

Afiliação: Universidade Federal do Paraná

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/813089900394100>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3596-3264>

¹ Trabalho realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Docente (CAPES) – Bolsa do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX).

•RESUMO:

Esta é uma transcrição da entrevista realizada com o artista Pedro Reis, dançarino e coreógrafo responsável pela crescente visibilidade do Heels – dança caracterizada pelo uso de sapatos de salto alto – no cenário artístico brasileiro. Diante da expoente inserção do Heels nos contextos de ensino não-formal da dança no Brasil, o interesse inicial desta conversa pautou-se no mapeamento de informações referentes a historicidade, influências epistemológicas e entendimentos de corpo e de técnica de dança atreladas a este estilo, uma vez que estamos tratando de uma expressão artística contemporânea que não possui registros acadêmicos publicados. Deste modo, essa entrevista tem como objetivo contribuir com futuras pesquisas no campo das Artes e da Educação, que se interessem por discussões relacionadas a dança que se faz no salto alto.

•PALAVRAS-CHAVE:

Heels, Stiletto, ensino de dança.

•ABSTRACT:

This is a transcript of the interview with the artist Pedro Reis, dancer and choreographer responsible for the increasing visibility of Heels – a dance characterized by the use of high heels – in the Brazilian art scene. In view of the exponent insertion of Heels in the contexts of non-formal dance teaching in Brazil, the initial interest of this conversation was based on the mapping of information referring to historicity, epistemological influences and understandings of body and dance technique linked to this style, since we are dealing with a contemporary artistic expression that has no published academic records. In this way, this interview aims to contribute to future research in the field of Arts and Education, which are interested in discussions related to dance that is done in high heels.

•KEYWORDS:

Heels, Stiletto, dance teaching.

• 511

1. Iniciando o diálogo ou primeiras palavras sobre o Heels

Nos últimos 20 anos novas práticas de dança têm surgido e ganhado visibilidade no contexto mundial, muitas destas influenciadas por discussões e temáticas contemporâneas, como a cultura POP, a globalização, estudos decoloniais, as questões relacionadas ao feminismo e a interseccionalidade das dissidências de gênero, classe, raça e sexualidade.

Uma dessas danças é o Heels ou Heels Dance, estilo de dança de matriz urbana, cuja principal característica é o uso do salto alto durante sua prática. Inicialmente chamado de Stiletto, o Heels tem como principais influências movimentações advindas do Balé Clássico em interface com o Hip-Hop e outras modalidades, como o Voguing e o Jazz Dance.

Por se tratar de uma dança de origem recente, cujas principais formas de transmissão de conhecimento são a oralidade e as experimentações corporais, muitas lacunas relacionadas a sua epistemologia (e)s(t)ão abertas. Nesse sentido, faz-se necessário mapear aspectos históricos, sociais e culturais relacionadas a essa linguagem, sobretudo no Brasil, uma vez que ainda não existem registros teóricos ou pesquisas acadêmicas que versem sobre essa temática.

512 • Tendo em vista a minha atuação profissional, como professor e pesquisador desta dança, proponho uma entrevista a Pedro Reis² – expoente e precursor do que se entende por Heels no Brasil – durante sua vinda para a cidade de Curitiba-PR, ocasião esta em que ofertou seu curso intensivo de Heels e Jazz Funk *Pedro Reis Training*. A entrevista aconteceu de maneira presencial nas dependências da academia de dança JS Studio de Dança, localizada no bairro Juvevê, no dia 4 de setembro de 2022, às 20h, com duração de 30 minutos. Após a transcrição na íntegra, a entrevista foi revisada e reduzida, sendo novamente submetida ao entrevistado, que absteu-se de objeções.

² Pedro Reis é um artista, bailarino, coreógrafo e professor brasileiro, que têm ganhado visibilidade no contexto nacional e internacional da dança. Atualmente ministra aulas de Heels em São Paulo, fazendo parte, também, do balé da artista Pablló Vittar.

Pretendeu-se com essa entrevista mapear brevemente a biografia do artista em questão, assim como suas contribuições para o que têm se configurado como Heels nos contextos de ensino não-formal da dança, especificamente as academias de dança e os cursos livres de formação, como o caso do *Pedro Reis Training*. Ademais, discussões relacionadas à técnica de dança, presença de corpos dissidentes e metodologias de ensino foram abordadas, no intuito de rastrear e ampliar as epistemologias da dança que se faz no salto alto.

Deste modo, essa entrevista teve como objetivos apresentar novos horizontes relacionados a construção de conhecimento da dança que se faz no salto alto e servir como mote disparador para possíveis pesquisas na área das Artes e da Educação. Trata-se de um convite para que questões relacionadas à gênero, sexualidade, inclusão de diferentes corpos, autonomia, processos de ensino-aprendizagem, técnicas de dança e afins, possam ser incluídas em pesquisas acadêmicas sobre corpo, dança e movimento.

Ressalto que o tom da conversa estabelecida com Pedro Reis foge dos lugares certos e cristalizados, muitas vezes relacionados às práticas de ensino técnica de dança. As trocas de informações e o compartilhamento de relatos apresentam-se como rotas possíveis para reflexões críticas e sensíveis sobre o uso do salto alto na dança, objeto muitas vezes relacionado a um modo fixo de ser/estar feminino no mundo.

• 513

Assim, espera-se o despertar da dúvida, das inquietações, da continuidade e do desejo por novas vozes e presenças na construção de outros saberes sobre o salto alto, sobretudo na dança. O olhar está voltado para as possibilidades de transgressão, radicalização e criação de novos povires, sempre cientes das limitações e imposições histórico-sociais atreladas aos sapatos de salto alto.

2. Colocando o salto alto: aproximações entre Arte-Vida

Matheus Margueritte – Boa noite Pedro Reis, para começarmos eu gostaria de te perguntar: Como é que a dança e o Heels chegaram na sua vida? Qual foi a sua trajetória?

Pedro Reis – Meu primeiro contato com a dança foi no interior de São Paulo, Valinhos, onde eu nasci. Eu comecei em um centro cultural, fazendo capoeira e flauta, mas não dançava. E, nessas vezes, indo fazer essas aulas, eu comecei a assistir as aulas que, na época, eram chamadas de Dança de Rua, que me cativaram muito. Então, desde o primeiro contato, de assistir, eu já comecei a pensar: “Meu, eu quero fazer isso!”, até que eu consegui entrar. Nisso, eu fui tendo um progresso de fazer aulas e mais aulas e, sempre com a agenda lotada, cheia de coisas para fazer relacionadas à dança, sem ter um propósito real, como: “Nossa, vou fazer isso da minha vida”. Não. Foi quando eu fui para o HHI³ em Las Vegas, em 2012 – o primeiro ano em que eu fui – que lembro que eu subi a escada do cassino onde estava sendo a competição e eu vi todos aqueles grupos treinando muito, pulando para lá e para cá, as crianças muito pequenas já com um nível técnico absurdo e eu falei “Caramba, é isso que eu quero fazer!”. Uns 2 anos depois, 2014, eu resolvi me mudar para São Paulo [capital] de última hora, sem conhecer ninguém. Um amigo meu, que não era da dança, me ofereceu um lugar para ficar. Durante uns 6 meses foi um processo para realmente conhecer todo mundo, para saber para onde eu ia e o que eu iria estudar e, aos poucos, eu fui abrindo as portas. Mas também sempre fui muito focado em estudos, porque eu sempre gostei muito de estar em sala de aula, independente do estilo, independente da modalidade e independente de quem era o professor. Eu sempre queria estar em sala de aula, trocando e aprendendo, até eu realmente decidir que era trabalhar mais com Jazz Funk e com Heels, por conta do Yannis [Marshall]⁴, não só ele, mas em grande parte, e algumas pessoas

514 •

³ *Hip-Hop International* (HHI) é um evento realizado em Los Angeles – Estados Unidos, de caráter internacional, que consiste em uma mostra competitiva de coreografias de danças urbanas em diversas modalidades. Atualmente o evento acontece anualmente, contando com a participação de mais de 55 países, entre eles o Brasil.

⁴ Yannis Marshall é um dançarino e coreógrafo francês que, atualmente, pode ser considerado o grande referencial da dança Heels, sendo responsável por sistematizar exercícios específicos para o uso de salto alto. Yannis teve sua ascensão após a sua participação no programa televisivo *Britain's Got Talent*, no qual realizou apresentações e intervenções coreográficas no salto alto. Entre seus muitos trabalhos, pode-se destacar suas coreografias para programas como *Dancing With the Stars* e *Rupaul's Drag Race*, assim como direção coreográfica do espetáculo *Zumanity* do *Cirque du Soleil*.

referências dos Estados Unidos também, como por exemplo a Sheryl Murakami⁵, que é uma referência no Jazz Funk, pois foi quem realmente começou com essa nomenclatura. Mas em relação ao salto [alto], o Yannis me transformou, tanto em questão profissional, quanto pessoal, porque, para mim, colocar um salto não é só uma questão de dança, é uma questão de ter liberdade para me colocar em frente de outras pessoas falando quem realmente eu sou, em relação à minha sexualidade, em relação à minha liberdade pessoal no meu profissional. Então, foi a partir daí, como um estilo de vida.

Matheus Margueritte – Você falou sobre esse seu contato com o Yannis Marshall: Como foi a primeira vez? Foi aqui no Brasil ou fora do país?

Pedro Reis – Foi aqui no Brasil, em 2015. Foi a primeira vez que ele veio para cá, em que ele deu um workshop, no [estúdio] Anacã, pelo Workshop Brasil. Acho que ele deu duas aulas na época e foi meu primeiro contato com o salto. Nunca tinha feito aula regular de salto. Assim, eu já tinha colocado um salto na aula da Fernanda Fiuza⁶, mas não era nada muito específico, era muito mais uma relação de propostas, como a gente dançar, por exemplo, uma aula de Jazz Funk e aí colocávamos um salto para tentar fazer. E aí, o Yannis apareceu! Eu já tinha visto alguns vídeos dele na internet, no YouTube. [Na ocasião] ele estava muito mal e não conseguia dar aula direito. Então, a maior parte da aula, ele sentou e dava aula sentado, apenas falando. Aí, ele dividiu [as pessoas] em 4 grupos e eu fui no primeiro. Passamos com música e ele falou “Você pode fazer nos outros grupos?”. Eu aceitei e fui fazendo. Na segunda aula, ele passou uma coreografia, que era de Jazz Funk, não era coreografia com salto, [ele] marcou uma vez na música e falou “Agora você pode fazer para mim?”. E, a partir daí, ele começou a querer estar me

• 515

⁵ Dançarina e coreógrafa norte-americana, vencedora da categoria “Melhor coreografia em videoclipe” do MTV VMA Awards (2011). Trabalhou com artistas como Beyoncé, Pitbull, Nicky Jam, entre outros. Atualmente é professora na Broadway Dance Center em Nova Iorque, onde ministra aulas de Stiletto e Heels.

⁶ Dançarina e coreógrafa brasileira, natural de Brasília – DF. É considerada a precursora do Jazz Funk no Brasil, uma vez que estudou e assistenciou Sheryl Murami em Las Vegas. Já realizou trabalhos para Beyoncé, Kanye West, Marina Sena e Wanessa Camargo. No âmbito nacional foi professora e jurada do Festival de Dança de Joinville (2019/2021). Atualmente é pesquisadora da área de performances em vídeo.

ajudando em questão de estudos. E aí, todo ano ele voltava para o Brasil e eu comecei assistencia-lo. Em 2018, eu fui para o Estados Unidos, passar um mês em Los Angeles, no qual eu também não tinha agendado nada com ele e bateu com o mês dele estar lá. E aí, foi a primeira vez que eu assistenciei ele em Los Angeles, na [academia de dança] Millenium, que foi quando ele também começou a fazer os intensivos dele, para ter uma certa técnica em relação aos corpos que a gente trabalha em uma sala.

Matheus Margueritte – Então, daria para dizer que ele foi um mentor para você nesse processo de desenvolvimento?

Pedro Reis – Com toda certeza, com toda certeza. Minha mãezona!

3. Do Stiletto ao Heels: rastreando a dança que se faz (n)o salto alto

Matheus Margueritte – Pedro, um assunto que se discute muito dentro das academias [de dança] e dos eventos [de dança] é a questão da nomenclatura. No começo chamava-se muito de Stiletto e, aparentemente, “do nada”, surgiu o termo Heels. Como que você identifica essa mudança, até mesmo no teu trabalho? E, se você sente que têm diferenças entre uma coisa e outra?

516 • **Pedro Reis** – Desde desse meu primeiro contato com Yannis, ele já trabalhava com o nome Heels e não com a questão do Stiletto. Eu sempre percebi, até mesmo quando eu comecei a trabalhar dando aula, que os estúdios procuravam Stiletto por uma certa ignorância de conhecimento sobre [esta dança], porque depois que eu comecei a estudar a fundo, eu vi que Stiletto era um estilo específico de uma aula de salto. Não era uma aula de salto que você pode ter um salto qualquer que você queira utilizar, que você se sinta confortável. É aquele salto mais fino, aberto, *scarpin*, o salto realmente stiletto, né? Que é um estilo patenteado pela Dana Foglia⁷. Então, se você não tem um treinamento, você não está apto para fazer isso, na minha visão, né? É o que eu acredito. Nisso, abriu-se o leque para deixar essa

⁷ É coreógrafa associada à Broadway e com importantes participações em trabalhos vencedores de Grammys e Oscars. Foi assistente de coreografia da cantora Beyoncé e coreógrafa de cantoras como Billie Eilish e Jennifer Lopez. Foi a precursora da dança Stiletto.

coisa mais liberta e colocar uma aula de salto – Heels Class – porque aí você consegue utilizar qualquer salto alto. Tanto é que, hoje em dia, até a Dana Foglia não utiliza muito o nome Stiletto, porque até na aula dela muitas pessoas já usam outros saltos, já não é mais uma coisa tão específica. Mas, até onde eu sei, porque não tem nada também escrito que fale sobre, o estilo foi ela quem criou por conta do salto específico, mas que aqui a gente utilizou por esse conhecimento “Ah, é Stiletto, a que dança no salto, são as coreografias de clipe...” e não! Stiletto é um estudo específico, de um salto específico, com uma professora/mentora/coreógrafa específica. Não é qualquer pessoa que poderia fazer isso. Só que como os estudos demoram um pouco para chegar aqui, eu acho que a gente demorou mais para conseguir ter esse acesso. Então, o [termo] Stiletto, hoje em dia, também não é mais tão utilizado igual antes. A gente vê mais ele sendo utilizado no interior ou em algumas cidades que ainda não tem esse contato real, com uma proposta mais profissional, né?

Matheus Margueritte – Inclusive, em relação a essa diferença: o Stiletto tem uma origem na Broadway, mas e a questão do Heels? Você identifica algum possível lugar onde o termo nasceu ou é algo muito impreciso?

Pedro Reis – Então, em shows de artistas e de cantores, você já via salto sendo utilizado em figurinos. Por isso que, para mim, eu sempre acreditei que o Heels era muito mais sobre uma proposta em si, do que você estar dançando em relação a: mulheres usarem salto para ter uma feminilidade maior; ou, para ter um figurino mais apto dentro do *mood*, coloca-se o salto. Não que haja um estudo específico para colocar um salto alto, uma técnica do salto. Não, você não tem. Você tem, por exemplo, uma técnica do balé, do jazz ou do jazz musical, que agrega no estilo que você está tentando dançar em cima do salto. Ou, você tem uma técnica com bases de hip-hop que você queira dançar no salto. Então, depende muito do caminho que você quer. Por isso que eu acho que não teve um “Aí, surgiu!”, até porque os primeiros a usarem salto alto foram os homens e não as mulheres. Acho que é muito mais uma questão de estética do que de estilo, como um balé clássico, que tem toda uma cultura, uma teoria. É mais uma proposta.

• 517

Matheus Margueritte – Dentro dessa ideia de *proposta* que você traz, você não acha que, por exemplo, os exercícios que a gente vivenciou aqui [no curso intensivo], se isso também não configura, talvez, um princípio de uma técnica que está nascendo?

Pedro Reis – Acredito! E acredito muito que o Yannis trouxe essa reviravolta, quando ele começou a criar os cursos intensivos dele, onde ele fala bastante em relação à *bevel*, em a você usar o quadril e usar o pescoço. Então, acho que é muito você saber se olhar no espelho e utilizar os seus melhores ângulos para melhorar aquela estética, do que ser uma técnica para aquilo, entendeu? Mas eu acho que o Yannis trouxe essa onda do que utilizar para facilitar esse entendimento em cima do salto, sabe? Mas, eu acho que está bem longe de ser uma técnica para usar salto. Hoje em dia tem muitas pessoas que falam “Ai, isso não é aula de Heels, porque é diferente do que o Pedro trabalha ou do que o Yannis trabalha”. Não tem certo e errado. Não tem nada que vai falar que, se eu dançar com o joelho flexionado, colocando mais *bounce* de salto, que eu estou errado fazendo isso. É uma proposta diferente.

Matheus Margueritte – E a partir dessa tua proposta: o que você identifica de metodologia que você criou para conseguir atingir outros corpos para dançar em cima do salto alto? E, se você puder falar um pouco também da sua transição de aluno para professor?

Pedro Reis – Em relação à metodologia: como eu sou “cria” do Yannis, porque eu aprendi a dançar em cima do salto com ele, eu tenho uma estrutura de aula muito parecida com a dele, porque é um estilo de aula que eu gosto e que eu vejo respostas rápidas de quem está em sala de aula. E, colocar uma preparação com exercícios de [balé] clássico, com exercícios do jazz também, traz mais consciência corporal. Não é como se eu fosse utilizar um *grand plié*, mas eu vou utilizar a força do *grand plié* para fazer o que eu preciso fazer. Ou, como que eu vou subir a perna em um *passé*, na preparação física, com a técnica do balé clássico, para eu fazer bem um *passé* [no salto], mesmo que ele seja desencaixado na hora que eu estiver dançando, mas com uma estrutura corporal bem feita. Então, o Yannis trouxe muito isso, porque ele também carrega muito a questão do clássico, do jazz,

do jazz contemporâneo e do contemporâneo nas aulas dele. Tanto é que agora ele está criando o curso intensivo na barra de salto, que é justamente usar *rond de jamb*, *tendú*, mas também tem muito quadril. E a questão dessa transição de aluno para professor foi: eu realmente senti falta de ver uma alta performance além de mim, em outras pessoas. O que que eu posso fazer para ajudar a cena que eu quero viver aqui onde eu moro? Porque o meu intuito ainda é ficar aqui. Tenho possibilidades de ir para fora? Tenho. Mas, o que eu posso agregar com a minha cultura, com a minha galera, com quem tá afim? Porque no Brasil a gente tem dificuldade de ter acesso. São poucas pessoas que tem esse privilégio de conseguir ir para fora [do país], estudar com outras pessoas e voltar, porque a gente sabe que não é barato, não é fácil, ainda mais quando a gente vive de arte, que é todo um caos, não é? E, trazer isso para São Paulo, fez eu gostar cada vez mais de dar aula e ver a evolução de quem está fazendo aula. Então, é a partir disso que comecei a desviar um pouquinho do meu sonho, porque eu sempre quis muito dançar, estar em palco, dançar com artistas e trabalhos como dançarino. Não tinha sonho nenhum em ser professor. Mas, com o passar do tempo, e precisando dar aula, eu fui tendo gosto e vendo que eu poderia ter muito mais resposta e trocas de conhecimento, de caminhos que eu poderia utilizar, sendo o professor do que sendo só dançarino. Então, acho que essa transição ela foi tão crescente e tão proveitosa para mim enquanto profissional, tanto como dançarino, quanto como professor, quanto para quem está fazendo aula, porque a evolução de quem faz aula regular comigo, desde a época que eu comecei com esses projetos de aulas regulares, a evolução é absurda. Hoje em dia, a cena de professores de Jazz Funk e Heels em São Paulo, por exemplo, é totalmente mais forte do que há 4 anos atrás. Então, ver esse resultado, eu sei que eu tenho muita parte nisso e isso me deixa muito grato. E, eu sei que o Yannis fez muita parte disso, porque eu sigo muito a metodologia dele. Mas, ainda não perdi o tesão em ser aluno, eu ainda gosto muito. Só que eu sinto falta de ter aulas que eu me sinta desafiado ou aulas que eu realmente sinta que tenha conteúdo e que não vá ser pegar passos em cima de uma música. Não, eu quero aprender mais! O *porquê* de eu estar fazendo isso. Como que eu vou fazer isso ficar bom no meu corpo para eu conseguir me expressar.

• 519

4. Trocas, fluxos e afetações: outros corpos na dança

Matheus Margueritte – Como você identifica o público que procura as suas aulas? São pessoas que querem se aprimorar tecnicamente ou são pessoas que procuram por um hobby? E, também, em relação as próprias pessoas: são mais mulheres ou pessoas LGBTQIA+? Enfim, como que você percebe essas pessoas que te procuram?

Pedro Reis – Hoje em dia, pelo motivo de eu não querer, ainda, voltar a dar aulas básicas e iniciantes, o público que procura minha aula é realmente um [público] que têm propósito de melhoria, independente se é para realmente ser profissional – que eu acho que com o passar do tempo, fazendo essas aulas regulares, acaba criando essa vontade – e também tem as pessoas que já entram como profissionais, mas que querem melhorar sua alta performance. Em relação às pessoas, mais mulheres [fazem aula], com toda a certeza. Tem a questão do público LGBTQIA+, mas, com toda a certeza absoluta, uns 90% [são] mulheres. Eu acho que, por conta da proposta e por conta dos bloqueios sociais que a gente tem no nosso país, isso dificulta muito homens fazerem o estilo, independente se é: para treino ou não; se é para hobby e tudo mais; se eu quero me sentir feminino; ou, se eu quero ter uma feminilidade maior no meu corpo, mesmo sendo um homem hétero cis, por exemplo. Dificilmente. Tem? Tem, mas pouco. Então numa sala – e deu para ver aqui no intensivo em Curitiba – tem bastante homens? [Tem] gente que levanta a bandeira LGBTQIA+? Tem, mas a maioria são mulheres.

520 •

Matheus Margueritte – Isso é muito curioso, porque a maioria das pessoas que estavam aqui [no curso intensivo] eram mulheres, mas que trabalham e que dão aula [de Heels] em Curitiba, a maioria são homens, só temos a Clara⁸ de mulher. Então, é curioso pensar nessa inversão, né?

Pedro Reis – Total, porque é um estilo que seria muito mais fácil ser trabalhado por mulheres, por ser uma coisa que é mais natural das mulheres, só que, eu não sei dizer o porquê que realmente tem mais homens trabalhando nas

⁸ Clara Allig é uma mulher trans, professora e dançarina de Jazz Funk e Heels na cidade de Curitiba-PR. É participante do grupo Outro – Coletivo de Dança.

áreas mais femininas do que as mulheres. Mas também, eu acho isso legal! Porque, hoje em dia, eu vejo muitas mulheres trabalhando no lado que seria visto como mais masculino, por exemplo, dando aula de hip-hop. Hoje em dia eu estou vendo muito mais mulheres querendo movimentar a cena [da dança] do que homens. E, no lado do Heels e do Jazz Funk, um lado mais feminino, hoje em dia, eu vejo que mulheres estão ganhando muito mais peso também, só que, ainda, a cena é mais vista por pessoas LGBTQIA+.

Matheus Margueritte – E agora a última pergunta! Se você pudesse definir o que é Heels para você, como você definiria?

Pedro Reis – Liberdade! Liberdade total! E, eu acho que, também, isso não é só sobre o salto. É mais sobre o estilo de aula, o estilo de movimentação, como: você passar a mão no corpo e se olhar no espelho; se desejar se olhando no espelho; você se sentir linda se olhando no espelho, independente se tiver 300 pessoas falando que você não é. Você vai olhar no espelho e falar “Eu sou!”. Então, para mim, é muito mais uma questão de liberdade, pelo fato de eu conseguir desbloquear várias coisas minhas enquanto um homem gay: colocar um salto alto em frente, por exemplo, a minha família que já não aceita tanto. Acho que é uma militância dentro da arte: um homem colocando um salto alto.

• 521

Recebido em 23/09/2022 - Aprovado em 24/10/2022

Como Citar

MARGUERITTE, M Rastreado a dança que se faz (n)o salto alto: uma entrevista sobre Heels com Pedro Reis. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 18, n. 2, [s.d.]. DOI: 10.14393/OUV-v18n2a2022-67051. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/67051>



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.